

## Aquarius: narrativa e *mise en scène* de uma resistência

Milton do Prado<sup>1</sup>



**P**assados mais de dois meses do lançamento de *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, os ânimos em torno da polêmica parecem arrefecer. Será, finalmente, hora de deixar o aspecto extra-fílmico de lado e se concentrar na obra em si, como já se clamou em alguns textos críticos? Tarefa difícil, mas necessária: *Aquarius* foi, indiscutivelmente, o filme brasileiro do ano, em todos os aspectos, dentro ou fora da tela.

Para além do protesto da equipe no tapete vermelho de Cannes, com reações a favor e contrárias igualmente quentes, o filme de Mendonça Filho é daqueles raros exemplos de cinema que reflete de forma rica a época em que ele é lançado. Se foram ouvidos vários gritos de “Fora, Temer!” nos cinemas Brasil afora, não foi exatamente em apoio ao ato político de maio na *Croisette*, mas porque o filme veio ao encontro de uma sensação de injustiça sentida por boa parte da população brasileira. E foi mais longe: a injustiça é vingada, mesmo que circunscrita ao catártico final do filme.

1

Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997) e mestrado em M.A. in Film Studies – Concordia University (2011). Atualmente é professor e coordenador da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É sócio da produtora Rainer Cine LTDA, onde atua como montador e produtor.

A que corresponde, exatamente, essa catarse? *Aquarius* nos faz acompanhar a história de Clara, a partir de um prólogo em que conhecemos o início da sua luta contra um câncer, passando então à apresentação de três partes distintas. Esses “capítulos”, por assim dizer, não correspondem necessariamente a três atos dramáticos, mas pontuam as fases da luta da protagonista contra uma imobiliária que quer forçá-la a sair de seu apartamento – o único ainda habitado no edifício que dá nome ao filme. A imobiliária quer construir ali um edifício de luxo; Carla não arreda o pé. De forma simplificada, podemos dizer que em “O Cabelo de Clara”, a empresa rica faz ofertas irrecusáveis, insistentes, invasivas; Clara, no entanto, não se mixa por qualquer coisa – já passou por uma doença grave, já criou três filhos, já perdeu o marido, mas segue firme, tal qual um sansão que guarda bem a fonte de sua força. Já “O Amor de Clara” mostra um pouco a fragilidade, a carência da personagem e o ataque mais feroz e baixo por parte da imobiliária; “O Câncer de Clara”, de longe o título mais ambíguo e surpreendente de todos, traz finalmente o mundo corporativo apelando para o horror e a heroína contra-atacando e descobrindo, com ajuda do amigo jornalista, os poros por onde pode fazer ruir a sanha de ambição que lhe corrói a casa.

Kleber Mendonça Filho afirmou que os gritos ao final das sessões acontecem pela identificação entre Clara e a presidente Dilma Rousseff, ambas figuras femininas obstinadas em se valerem os direitos. Talvez seja mais correto, no entanto, afirmar que a transformação das salas de cinema em câmara de eco política se dá pela vitória de Clara em recuperar, a seu modo, algo que lhe era de direito e que lhe fora tomado. Assim, o desabafo da plateia se dá não por identificar a personagem com a ex-presidente deposta, mas pela admiração pela conquista da heroína e a satisfação em ver que aquela vitória é possível, ainda que improvável. A construção da personagem principal de *Aquarius* finca o pé no melodrama clássico, com direito à conquista final.

É curiosa uma certa cobrança feita por algumas críticas sobre as características sociais da personagem principal. Andrea Ormond, em seu artigo na Revista Cinética<sup>2</sup>, chega a ver no filme uma manifestação explícita do cinismo vigente no Brasil de hoje, por colocar uma “sinhá”

2

ORMOND, Andrea. O país do cinismo. Revista Cinética, 19 set. 2016 (Disponível em: <<http://revistacinetica.com.br/nova-o-pais-do-cinismo/>>. Acesso em: 22/10/2016).

como símbolo de resistência. Já Rodrigo Cássio Oliveira<sup>3</sup> julga faltar ao filme a autocrítica dos personagens de esquerda que já havia nos filmes do Cinema Novo. Em ambos os casos, com abordagem bem diversa, os autores parecem exigir de *Aquarius* – ou melhor, de sua personagem principal – algo que não lhe pertence. Sem deixar de perceber Clara represente tipo social perfeitamente crível numa sociedade como a recifense, cabe talvez a tentativa de entendimento dos ingredientes fílmicos que contribuíram diretamente para o barulho em torno da obra: o balanço entre uma personagem forte com desenvolvimento narrativo claro, a captura do *zeitgeist* brasileiro atual e um prazer cinematográfico singular advindo de sua *mise en scène*.

Se é possível falar que o edifício *Aquarius* também é um personagem do filme, quem comanda tudo é, definitivamente, Clara. O fato de ela ser apresentada ainda jovem, no prólogo, aumenta ainda mais o impacto do momento quando surge tela Sônia Braga. Nunca é demais lembrar o que essa escolha significa: um corpo e um rosto icônicos tanto por ter encarnado tanto sucessos de bilheteria (*Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *A Dama do Lotação*) quanto filmes de prestígio internacional (*O Beijo da Mulher Aranha*). A atriz, no entanto, é uma figura há muito distante de nossas telas e seu retorno, o que torna sua presença ainda mais poderosa imagneticamente falando. Em cada plano a fisicalidade de Sônia/Clara é exposta em toda sua potência. Não há dúvidas: Clara é, antes de tudo, forte. O fato de ser uma mulher de classe média alta, dona de cinco apartamentos, não a faz necessariamente uma personagem incongruente com a problemática social levantada pelo filme. Nem Anna Magnani, nem Erin Brockovich: Clara é de outra natureza e parece haver uma confusão entre as contradições dela enquanto personagem e a opção de se construir uma heroína com essas características dentro da discussão social que filme traz.

*Aquarius* aborda um tema muito semelhante ao de *O Som ao Redor* (2012), primeiro longa de ficção do realizador, por um viés e um enfoque diferentes. Em ambos, temos a especulação imobiliária como causa e efeito da degradação social que avança, como num bumerangue, sobre o que era antes a classe abastada. Porém, enquanto no longa anterior a escolha se dá pelo mosaico e pela dissonância para se chegar ao choque final, no filme

3

OLIVEIRA, Rodrigo Cássio. "Aquarius" e a regressão do cinema político. Blog Estado da Arte no Estadão online, 23 set. 2016 (Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/aquarius-e-a-regressao-do-cinema-politico/>>. Acesso em: 30 out. 2016).

*Aquarius: narrativa e mise en scène de uma resistência*  
Milton do Prado

recente o foco é em uma personagem e a construção dramática é gradativa, almejando a harmonia das partes. Assim, mesmo quando há passagens aparentemente destoantes – a empregada que volta para assombrar a patroa, por exemplo – estas terminam por se mostrar integradas ao conflito de Clara. Se em ambos os filmes a expansão desenfreada das construtoras é expressa em um clima de tensão – social ou psicológica – constante, em *Aquarius* não temos a necessidade de centrar a invasão do espaço privado pelos frutos da antiga exploração. Aqui, a invasão destruidora vem de cima, e ela é mais tranquila, como a fala mansa de Diego (Humberto Carrão). Ele é o representante da nova geração das empresas de construção, o tecnocrata 2.0 que, ao contrário do avô, não perde as estribeiras por qualquer coisa. A evolução dramática de *Aquarius* se dá, dessa maneira, não somente ao ritmo de Clara, mas também coerente com o estilo da nova geração de gestores que avançam com força controlada. *O Som ao Redor* se constrói com o ruído, enquanto que *Aquarius* se leva pela música.

Constatação óbvia: a trilha sonora de *Aquarius* é importante para a caracterização da personagem de Clara. Há quem reclame, não sem razão, de uma certa obviedade nas escolhas das canções. Mas é possível afirmar que a música está ali também como delimitador de um espaço. Para que serve o apartamento, se não para Clara desfrutar de suas músicas? Não é colocando uma música a todo volume que ela tenta enfrentar primeiramente a festa “da pesada” que se instala no apartamento de cima? Sua melomania não serve apenas para recordar o passado: ela finca raízes, mas ajuda a enfrentar o presente e faz a ponte com o futuro (lembremos o sobrinho que é aconselhado por Clara a usar Maria Betânia para conquistar de vez a namorada). A música está amalgamada ao apartamento; é ela que, de certa forma, cria forças simbólicas para delimitar o espaço.

Está aí uma grande qualidade do filme: o trabalho com o espaço, na exploração dos seus detalhes e na interação com os corpos que o habitam, o que vai muito além da excelência técnica. Ele se imbrica na narrativa fílmica, desde o início, quando a câmera procura pela cômoda da tia para achar ali uma história cheia de carne e passado. Ele conduz o espectador através de seus movimentos bem cuidados, por vezes surpreendentes. Ele constrói espaços e nos faz habitar neles, seja na festa do início dos anos

Aquarius: narrativa e *mise en scène* de uma resistência  
Milton do Prado

1980, seja nos dias de hoje. Um cinema narrativo que nos faz sentir espaços; não estamos falando aqui de uma conquista banal.

A tentativa da invasão de um espaço e a resistência do invadido. Não é disso de que trata, exatamente, *Aquarius*? Espaço aqui não é sinônimo de propriedade privada. Clara é uma heroína não por vir de uma classe econômica inferior e enfrentar os poderosos, mas por não se entregar ao que parece ser um destino “natural”. Seus filhos acham que talvez seja melhor ela se mudar, ter mais conforto em um lugar com mais estrutura. Mudar-se para algo novo é inevitável. Derrubar construções históricas também. Como o filme bem mostra, o novo é sedutor, sua violência é quase irresistível.

Assim, *Aquarius* não traz uma heroína com virtudes incontestáveis, mas ergue construir a narrativa de uma resistência improvável. Que essa narrativa seja apresentada através de um domínio inegável da linguagem cinematográfica, isso é um grande mérito. Que a resistência mostrada na tela surja de um diagnóstico do atual tecido urbano brasileiro e encontre ressonância no aqui e agora, isso é o que faz do filme o fenômeno de 2016. Que o tom dessa resistência seja alcançado através de uma *mise en scène* precisa e coerente é o que pode fazer com que as marcas do filme permaneçam para além do confuso momento político do país.

Recebido em 16/11/2016

Aprovado em 20/12/2016